

Pesquisa com droga contra o mal de Alzheimer é alvo de polêmica

Um estudo feito em camundongos, publicado no ano passado na revista "*Science*", mostrou que um remédio para câncer de pele reduziu pela metade a quantidade de uma proteína ligada ao Alzheimer chamada beta-amiloide após três dias. A droga também reverteu os sintomas da doença nos animais.

No entanto, pesquisadores de vários centros de pesquisa dos Estados Unidos relataram, nesta semana, também na revista "*Science*", que foram incapazes de reproduzir esses resultados em seus laboratórios.

Os cientistas da Universidade de Cleveland, responsáveis pelo primeiro estudo, afirmaram, porém, que o medicamento (bexaroteno) ainda tem seu mérito e que os estudos mais recentes confirmaram outros aspectos da pesquisa, mostrando que a droga "removeu" formas solúveis da beta-amiloide do cérebro.

Alguns estudos sugerem que essa forma solúvel é a mais tóxica da proteína e a remoção dela pode ser importante para os pacientes. Para eles, a controvérsia é um lembrete da necessidade de os estudos serem replicados por outros laboratórios e revela o desespero das pessoas com Alzheimer para encontrar tratamentos eficazes para a doença.

O professor de neurociência da Universidade de Chicago, Sangram Sisodia, disse que ele e seus colegas ficaram curiosos com a pesquisa de 2012. Eles então quiseram ver se os resultados impressionantes podiam ser replicados, um procedimento científico padrão.

"Não há absolutamente qualquer redução nos níveis da beta-amiloide nos cérebros de camundongos tratados com esse remédio", disse Sisodia sobre os esforços do grupo num comentário técnico da "*Science*". Equipes da Universidade da Flórida e da Universidade de Leuven, na Bélgica, publicaram achados semelhantes.

Um quarto estudo de uma equipe da Universidade de Pittsburgh, porém, mostrou que o medicamento melhorou o deficit cognitivo nos animais com uma mutação ligada ao Alzheimer em humanos. E confirmou que o composto reduziu partes da beta-amiloide tóxica no fluido que cerca as células do cérebro. A pesquisa, no entanto, também falhou em mostrar uma diminuição das placas da proteína.

Landreth disse ainda que a atual "tempestade científica em copo d'água" não vão deter seus planos de estudar o medicamento em pessoas. Sua empresa pertence começar estudos clínicos em um grupo de seis adultos saudáveis nos próximos meses.

Fonte: Reuters